

Produto Nacional 🍌 **Bananal**

O D I L L A M E S T R I N E R

“BANANAS PARA TODOS NÓS!”

A apresentação deste trabalho de cunho social é devido ao estreitamento conceitual de um trabalho virtuoso de Odilla Mestriner, do ponto de vista que aborda o ícone nacional brasileiro; a figura da banana (amarelo e verde), e a situação em que vive o país: o seu clímax de corrupção totalmente explícita!

Com uma mensagem explorando a crítica social, a artista revela os temas: fome, apelo, ódio x amor, confronto, fuga, vício, roubo, violência, etc..., numa composição pertinente e equilibrada.

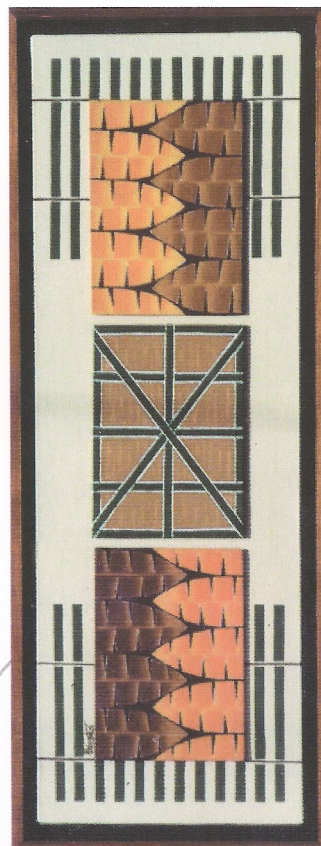
Em meio ao ambiente tão familiar da “Casa Grande Brasileira”... Os “pais-pais” velam os olhos quando os “filhos do poder” “pegam emprestado” um dinheirinho ali.

Fingimos que vivemos todos muito felizes!!! Dançamos o Chica Chica Bom Chic, de Carmen Miranda... E aceitamos com louvor a mensagem desta exposição... “Bananas para todos nós!”.

Lilian Heitor / Curadora da Mostra



BANANAL I 80x27cm acrílico s/ tela 1999



BANANAL II 80x27cm acrílico s/ tela 1999

Produto Nacional 🍌 Bananal

O D I L L A M E S T R I N E R

Odilla Mestriner nunca deixou sua obra estagnar, pelo contrário, soube olhar para a história que estava sendo construída paralela aos seus 40 anos de carreira e subtrair para si o essencial. Vejo a "Pop Art" nos anos sessenta e a artista soube abrir-se sem, no entanto, perder-se na revolução cultural e comercial que marcou parte daquela geração. Trabalhou com a colagem, com o papelão e com recortes de jornal. A figura humana, que estava ausente de suas pinturas e desenhos, surge como símbolo de uma presença sensível. Um trabalho que se resolve em estruturas de linhas e cores.

Desenhos, pinturas, colagens e litografias. Não importa. Pois são desenhos com traços tão duros e vigorosos, que poderiam ser confundidos com gravuras; são pinturas que aparentam ser desenhos; são colagens que se misturam com pinturas, e assim por diante. Elas não têm segredos, mas sim mistérios a serem desvendados.

Com certeza as técnicas utilizadas são o que menos importa em uma obra carregada de significados. Significados políticos, sociais, humanistas e sensíveis. Uma obra cheia de sentidos, principalmente em trabalhos mais recentes de 2000 a 2006, em que Odilla Mestriner parece ter recuperado para o seu repertório uma grande "musa" nacional. Trata-se da bananeira e seu fruto. Uma planta da família das musáceas e que já foi motivo de suas obras de Tarsila do Amaral, Lasar Segall, Antônio Henrique Amaral, Hudinilson Jr., entre muitos outros artistas.

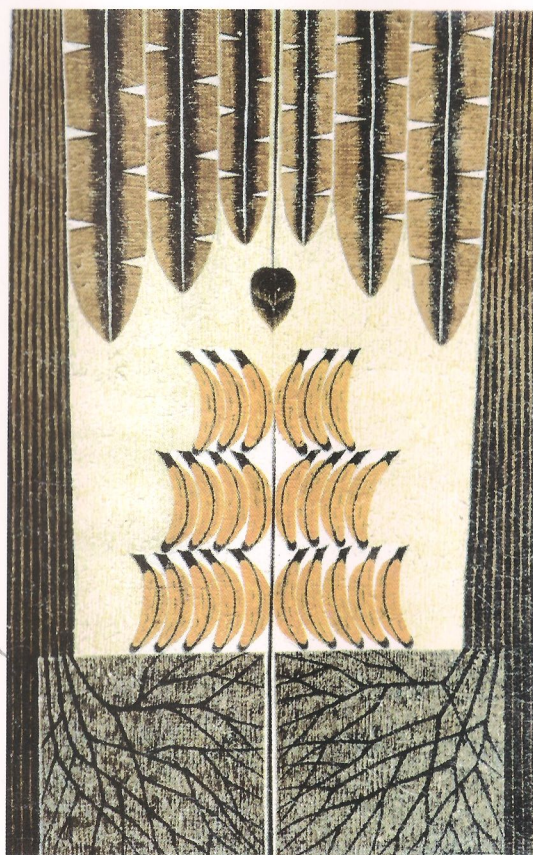
Esta série de pinturas de Mestriner, logo me impressionaram por sua delicadeza e implicações sociais e políticas deste quase símbolo nacional, que representa o nosso exotismo tropical em obras de Segall e Tarsila do Amaral ou de uma Carmen Miranda que vestia um cacho de bananas como chapéu e saía cantando o Tico Tico no Fubá, no cinema norte-americano. A partir daí, a banana que virou uma identidade brasileira, toma outro rumo conotativamente na direção do campo político e passa a ser um signo de um preconceito ou comichidade de nosso subdesenvolvimento econômico e cultural. Não se trata apenas do nosso país, mas de todo um continente de países equatoriais localizados no Hemisfério Sul, pejorativamente identificados, sem diferenciação, com uma tal de "República das Bananas".

Nos anos sessenta, em meio a Arte Pop, Antonio Henrique Amaral parecia esgotar tais possibilidades conotativas da banana como um signo de nossa aculturação, enquanto passávamos por um processo ditatorial que retrocedia aos avanços sociais conseguidos na década anterior. Hudinilson Jr., nos anos setenta, diante da repressão militar que tentava afogar qualquer manifestação cultural não-oficial, desenvolvia um trabalho individual experimental com as máquinas copiadoras xerográficas. Em uma série de imagens, descascou a banana novamente em conotações políticas e também homoeróticas.

Odilla Mestriner retoma a banana como tema de suas obras mais recentes, e como um botânico em seu ofício, ela dissecou a planta e a fruta em suas pinturas e desenhos sobre papel artesanal, feito da casca da própria bananeira. As imagens organizadas racionalmente resultam em uma simbiose de plasticidade incrível, ao misturar uma linguagem plástica primitivista que lembra as gravuras do artista plástico e gravador pernambuco, Gilvan Samico, com a morfologia botânica da artista inglesa Margareth Mee. Sem uma preocupação engajada evidente, o belo resultado estético desse conjunto é único.

Ricardo Resende
Ex-Curador do Museu de Arte Moderna de São Paulo /
Atual Curador do Museu Dragão do Mar em Fortaleza.

BANANAL XXII 51x33cm acrílico s/ papel artesanal 2002



ABERTURA

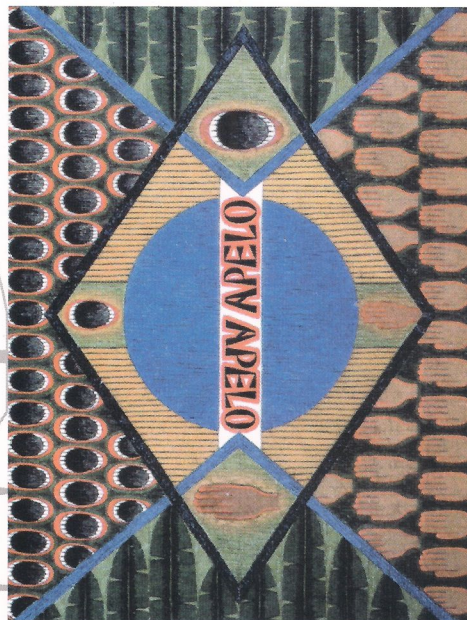
**dia 19 de abril
de 2006 às 19h30**

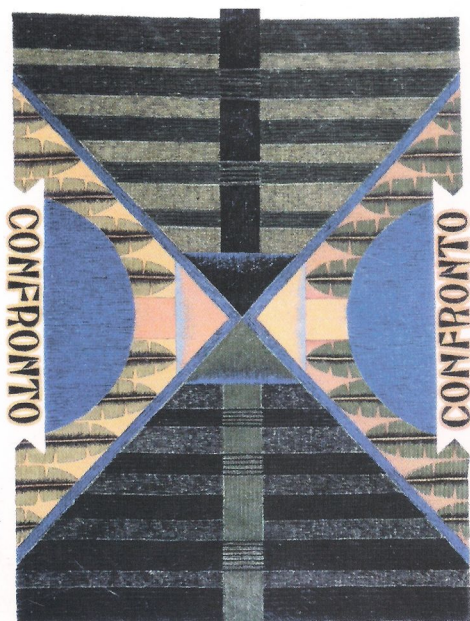
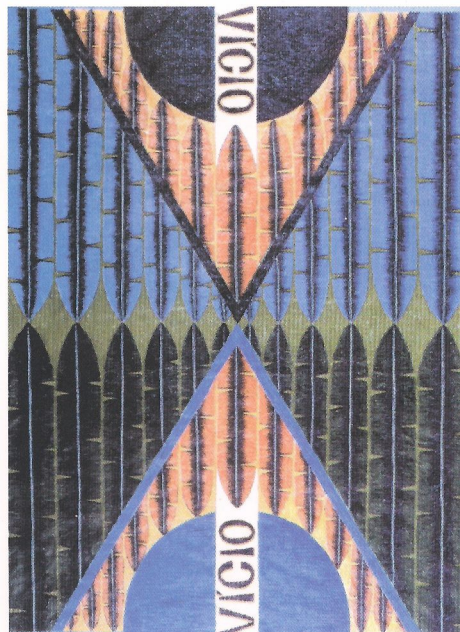
De 20 de abril a 13 de maio de 2006

Segunda a Sexta das 10h00 às 19h00

Sábado das 09h00 às 13h00

CURADORIA: Lilian Heitor





PATROCÍNIO



APOIO



APOIO INSTITUCIONAL



REALIZAÇÃO



AVENIDA BRASIL, 298 SÃO PAULO, SP CEP 01430-000 TEL (11) 3884-9084 www.blc.org.br